

REITORIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO  
GOVERNO CIVIL DO PORTO

---

# I CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO

**Actas**  
II VOLUME



PORTO • 1991

# MISSÕES POPULARES E FESTA BARROCA: UM ASPECTO DA SENSIBILIDADE COLECTIVA

EUGÉNIO DOS SANTOS  
Universidade do Porto

Após a conversão dos reinos bárbaros, o cristianismo tornou-se um dos elementos essenciais da identidade da cultura ocidental. Reis, bispos e clérigos tornaram-se os responsáveis pela condução dos seus homens em direcção ao Paraíso. Era preciso cristianizá-los rápida e profundamente, afastando-os de práticas e crenças «folclóricas» sem sentido<sup>1</sup>. Esta mentalidade dominou toda a Idade Média e projectou-se com muita força na Época Moderna. Por isso os europeus procuraram espalhar o cristianismo pelos demais continentes, sobretudo a partir dos finais do século XV. Aqui, na Europa, nenhuma grande cidade, nenhuma pequena aldeia, deixavam de se apertar à volta da sua rica catedral ou da sua humilde igreja. O espaço rural dos países do Ocidente Continental, sobretudo do sul, é recortado por naves de igrejas, por capelas, santuários, calvários, nichos de devoção às almas. Outrora, como ainda hoje em algumas zonas, o que primeiramente nos salta aos olhos são as torres de velhas igrejas, as quais revelam e dominam aglomerações antigas. Se há igreja, estamos em presença de uma freguesia. Se a não encontramos, o povoado reduz-se a simples lugar. A igreja, portanto, forneceu ao aglomerado a sua personalidade canónica, jurídica e, até, a sua individualidade política. Não admira, pois, que ela tenha marcado verdadeiramente o centro da vida organizada das populações, sobretudo ao longo da Época Moderna, em que a importância e o prestígio das cidades eram relativamente discretos, no tocante ao dia a dia da esmagadora maioria das populações dos vários países europeus. A igreja, misturando elementos

---

<sup>1</sup> Cf. Pierre Riché, «La pastorale populaire en Occident», in *Histoire Vécue du Peuple Chrétien*, I, Toulouse, 1979, pp. 195 a 219.

sagrados e profanos, transformou-se na força modeladora da cada célula base do país. O religioso envolvia cada homem desde que nascia até que baixasse à sepultura. Os momentos solenes da vida de cada um passavam pela sanção da igreja: o baptismo, o casamento, as festas, as grandes decisões colectivas, enfim, a morte. A missa dominical era o elo de união da comunidade rural, onde se tomava conhecimento dos grandes acontecimentos ou decisões (nacionais e locais) e onde, em conjunto, os cabeças-de-casal discutiam as decisões a tomar, de interesse imediato. O som dos sinos ritmava a vida quotidiana, alertava para a aproximação do perigo, anunciava o júbilo ou as tristezas colectivas.

Para que se tivesse chegado a tal estágio de comportamentos colectivos muito houve que trabalhar. É hoje aceite, após pesquisas sistemáticas em todos os países do Ocidente, que foi ao longo dos séculos XVII e XVIII que a Igreja passou a exercer uma acção maciça de aculturação, banindo, por todos os meios ao seu alcance, as antigas crenças e «superstições» populares. Assim, tanto os ministros do altar, como os agentes do rei, vigiavam todo e qualquer fiel exigindo uma submissão completa a Deus e ao monarca, uma vez que moral religiosa e integração política eram complementares. A Reforma Católica ou Contra-Reforma, acabou por redundar numa religião imposta a partir de cima e contribuir para uma centralização maior e mais eficaz do poder político. A forte hierarquização da Igreja e o absolutismo régio casavam-se perfeitamente, na perspectiva final de ambos obterem dos fiéis uma clara homogeneidade moral e um comportamento social dócil. A Igreja pôs então em marcha um poderosíssimo aparelho de enquadramento de massas, que funcionou em sintonia com os valores que ela própria controlava. A catequese, as procissões, os sermões, as festas, a assistência, os avisos, as missões populares, eram outras tantas formas de actuar com eficácia, tanto a curto, como a médio prazo.

Curiosamente, em nosso entender, foi sobretudo a partir da segunda metade do século XVII e mormente nos seguintes que tanto a Igreja, como até o Estado, redescobriram e valorizaram progressivamente o homem comum, especialmente o camponês rude e ignorante. Até então o alvo privilegiado das preocupações dos poderes constituídos eram as gentes das cidades. O campo, se não estava ao abandono, era considerado menos exigente, menos importante em termos de preocupação, uma vez que deveria acompanhar o modelo urbano.

Ora a Igreja, a partir da segunda metade de Seiscentos como que redescobriu o papel decisivo do homem rural. Nele morava a esperança de uma vida cristã exemplar. Aliás, o modelo mais uma vez nos viera do

exterior, da França e Itália, sobretudo, onde lazaristas, oratorianos, eudistas, jesuítas e outros desenvolviam notável actividade. Ora a renovação moral e cultural da sociedade portuguesa, sobretudo da mais humilde e carenciada, não pode entender-se sem pôr em destaque a acção da Igreja: os visitantes inventariavam desvios, abusos, escândalos e a hierarquia procurava remediá-los. Mas para que tal acontecesse foi necessário, aqui como no resto da Europa, a melhor preparação e actuação eficaz de um clero mais culto e melhor preparado para responder às múltiplas exigências dos fiéis. Não surpreende, pois, verificarmos que as antigas ordens religiosas se reformulem profundamente, adaptando-se às novas exigências e, simultaneamente, se criem outras bem identificadas com as directrizes do concílio de Trento e a militância do período da Reforma Católica. Ao mesmo tempo, o clero secular começa a impor uma imagem cada vez mais nítida de competência e zelo, de clara distinção entre sagrado e profano, de maior disponibilidade e abertura aos problemas do quotidiano dos fiéis. Como hoje é ponto averiguado pela investigação recente na Europa culta, também em Portugal podemos afirmar que o esforço de uma cristianização completa e profunda da sociedade portuguesa, rural e urbana, teve o seu tempo forte no último quartel do século XVII e durante praticamente toda a centúria seguinte. Além disso, podemos também constatar que os modelos e formas de actuação a que obedeceu o clero português de então se pautaram estreitamente pelo que era corrente nos demais países europeus. Assim foram traduzidos e adoptados sermonários, cerimoniários, manuais de piedade, livros de devoção, de catequese, de defesa dos ideais cristãos, de filosofia ortodoxa, de moral, etc. O cristianismo assumiu aqui, como no exterior, o aspecto de uma religião (e uma ideologia) de propaganda, de combate a tudo a que lhe era alheio ou hostil. O objectivo último era conquistar os «marginais», os rebeldes, os desleixados. E isso fez-se através de movimentos repetidos de massas, dirigidos por clérigos austeros, exigentes, sabedores, metódicos e, simultaneamente, «santos», como tantas vezes eram referenciados pelos seus contemporâneos. Estes homens, que conseguiram imprimir carácter à religiosidade da época barroca, foram os *missionários do interior*, assim designados por oposição àqueles que constantemente partiam para o ultramar, a evangelizar os infiéis ou pagãos. Nunca como agora, em nosso entender, Portugal se identificou tanto com a Europa em termos de ideais de vida: eram idênticos os temas a glosar diante das grandes concentrações de massas, os argumentos para combater, as técnicas de persuasão, os métodos de actuação. Se o cristianismo forneceu um dos pilares da identidade europeia e da sua

cultura de base —o que parece indubitável— Portugal acompanhou, de perto e com entusiasmo, as suas grandes linhas de força, durante a Época Barroca. Isso está claramente demonstrado através de um aspecto que acima sugeri e que agora me permito destacar um pouco: *as missões do interior*, dirigidas ao povo miúdo, ignorante, rural, abandonado e pobre das aldeias. Desse esforço de aproximação e aculturação chegaram até nós centenas de relatos, alguns bem sugestivos e apaixonantes, pela problemática vastíssima que tocam.

As missões são hoje associadas à tentativa de provocar uma rápida aculturação do homem do povo, rude e ignorante e a um anseio de homogeneidade comportamental, destinados a imporem a todos, sem excepção, os valores essenciais do homem europeu modelo e reveladores da sua superioridade rática, cultural e religiosa, quando postos em confronto com os povos dos outros continentes. O missionário onde quer que actuasse, era um inimigo da «superstição», das heresias, de algumas arreigadas tradições populares, ou, por outras palavras, daquilo a que, por vezes, se chama hoje, cultura popular. Grandes agitadores de massas, esses propagandistas da fé e dos valores base da cultura europeia dispunham do púlpito, da catequese, da confissão, das procissões de penitência, da ajuda dos poderosos, para fazerem passar a sua mensagem, tornando-a credível e até desejada. Podemos afirmar que eles afinaram aqui na Europa um modelo de civilização cristã que se pretendeu, depois, impor nos demais continentes, recorrendo, por vezes, a métodos considerados hoje pouco adequados e recomendáveis.

Sabemos que o encargo de efectuar e orientar missões era cuidadosamente entregue aos homens mais cultos, mais capazes, mais dinâmicos e austeros. O pregador fazia-se eco da cultura do seu tempo nas ideias e argumentos que apresentava sobre Deus e o homem, a sociedade e seus dirigentes, sobre o direito de guerra e sobre a paz, sobre o uso e abuso da riqueza, sobre os exemplos a seguir e aqueles que urgia evitar. Ele estava colocado entre dois mundos, de que servia de ponte: o mundo culto e a massa dos homens que não sentem necessidade, nem têm hábitos de pensar. Assim, o missionário era visto pelo público, que dele ficava suspenso durante dias, semanas, ou mesmo meses, como um guia de códigos de honra, de ética, de moral, de leituras, de vícios e virtudes. E, curiosamente, pelo estudo que acerca desta temática temos vindo a conduzir, podemos certificar, desde já, que, na maioria dos casos, os missionários mais em destaque durante a Época Moderna eram indivíduos cultos e peritos na arte de transmitir ensinamentos seguros e precisos, mesmo em casos intrincados de moral e direito, sobre os quais

tantas vezes tinham que opinar no imediato, a pedido dos interessados. Muitíssimos dentre eles haviam feito estudos superiores, nas universidades ou dentro dos seus conventos. Aliás, várias missões feitas aos estudantes da velha universidade de Coimbra tiveram o condão de mudar o rumo da vida de muitos e distintos escolares, sobretudo durante o último quartel do século XVII e primeira metade de Setecentos.

Os sermões eram orientados, retórica e estilisticamente, para criarem um forte ritmo dramático que passava do raciocínio demonstrativo a uma técnica persuasiva, recorrendo frequentemente a exemplos morais edificantes, tudo visando provocar uma forte comoção, ou, mesmo, terror no público, para o levar à emenda ou reforma dos costumes e eventual alteração de ideias. É óbvio que se procurava no imediato mais influenciar os comportamentos e os modelos ou padrões de vida (ética ou moral) do que transformar ideologias ou proceder a complicadas demonstrações. Neste jogo de influências desejava-se que o mimetismo social acabasse por se impor, conduzindo a resultados satisfatórios imediatos. O exemplo fornecido pelas multidões exaltadas arrastaria os indiferentes ou indecisos. O pregador das missões falava e insistia mais nos argumentos dirigidos ao coração do que à razão. E isto por uma questão de puro pragmatismo: os auditórios eram, por natureza, heterogéneos e, em geral, o nível cultural dos ouvintes era o mais baixo que imaginar se pode. As missões representaram em Portugal, como nos demais países, um instrumento fino de penetração nos mais diversos níveis sociais, através do qual a Igreja apertava ao máximo as malhas do seu controlo sobre as populações. Em algumas delas havia resistências, naturalmente. Daí o recurso último a técnicas e a uma linguagem hauridas no foro militar. Uma aldeia em acto de missiões era um espaço demarcado e cercado para a conquista a favor de determinados ideais. A vitória (ou a derrota) exprimia-se, como na luta aberta, por números, mas aqui de confissões, de comunhões, de sermões, de actos de piedade, de cruces ou capelas erguidas, etc. Uma missão proporcionava ainda uma ocasião privilegiada para um maior caldeamento social, para uma pacificação e acalmia de velhas rivalidades ou entranhadas lutas vicinais. Os relatos das missões portuguesas dos jesuítas, franciscanos, oratorianos e lazaristas estão repletos de informações sobre cessação de hostilidades no interior de famílias, aldeias ou até vilas, por actuação directa e prudente dos missionários. É evidente que estes denunciavam, constrangiam, violentavam os chamados pecadores públicos, mas também sabiam actuar pela positiva, quando a ocasião se lhes deparava. Assim, não raro, eles recomendam e ajudam a criação de escolas, gratuitas e públicas, para meninos e meninas, considerando

que a ignorância em que vivem as populações é a responsável maior pelos vícios e desvios morais dos mais pobres. Guerrear a ignorância é ajudar cada um a fugir conscientemente do erro, que eles combatem com todas as forças. Mas sugerem, também, a criação de asilos, de orfanatos, de núcleos de assistência aos mais humildes. Eis algumas das razões pelas quais os missionários foram ao longo dos tempos tão acarinhados, protegidos, desejados pela hierarquia, tanto eclesiástica, como até civil. Com efeito, numerosíssimos bispos os solicitavam constantemente para trabalharem em suas dioceses, colhendo ótimos frutos dos seus trabalhos e também os agentes do rei os convidavam para actuarem em zonas precisas do país, onde as justiças de sua majestade, apesar dos poderosos meios de que dispunham, não conseguiam impor-se com êxito.

Poderíamos continuar a analisar, por dentro, o esforço das missões do interior, verdadeira alavanca de conquista, metódica e alongada, das massas populacionais para os ideais cristãos: o seu método, a sua duração, as épocas mais frequentes, os meios, os resultados. Mas, parece-nos, neste momento, talvez, mais importante referir que, se bem que nós portugueses tenhamos seguido as grandes linhas de orientação europeia, demos ao esforço das missões populares um cunho bastante nosso, nacional. Assim, enquanto a missão francesa nessa época era medularmente catequética, uma vez que visava, prioritariamente, ensinar os rudimentos da fé e da mundividência aos fiéis, na Península Ibérica a mesma missão foi profundamente penitencial. O que entre os ibéricos pareceu mais premente e adequado foi provocar nos homens de então uma reforma imediata dos costumes, tornando-os mais próximos e sensíveis aos modelos evangélicos. Uma instrução básica de catequese constante como a que em França ou Áustria estava em uso, exigia estruturas e meios de que os peninsulares ainda careciam. Assim se explica que em Portugal as missões, sobretudo franciscanas, destinadas a provocarem a compunção e o arrependimento, se tenham revestido de extraordinário esplendor gestual e exuberância exterior. Com efeito, elas culminavam, quase sempre, pelas chamadas procissões de penitência que chegavam a durar seis horas, onde iam vestidas a rigor figuras alegóricas e em que sons, luminosidade, murmúrios, rezas, exclamações, etc., provocavam frequentemente o choro, o delírio, o êxtase. Os clérigos comandavam e ritmavam todos os movimentos, tirando o máximo partido do clima geral de arrependimento. Elas foram, talvez, ao nível popular a manifestação mais genuína da nossa religiosidade da época barroca. Foi como resultado imediato delas que tantos calvários e capelas foram erguidos, sobretudo no século XVIII,

atestando ainda hoje, no silêncio do seu granito, o entusiasmo e fervor de outrora.

Essas procissões misturavam sentimentos múltiplos, em que os mais evidentes eram os de arrependimento e de compunção, mas terminavam em clima de alívio e de festa. Festa estranha, mas festa, tão ao gosto da sensibilidade barroca, onde a libertação individual e colectiva, mesmo efêmera, parecia um facto. Ela era motivada pela paz das consciências, pelas reconciliações públicas, pelo regozijo do triunfo da lei de Deus. Para concluir, ouçamos dois depoimentos diferentes acerca do que foram essas procissões-festa:

*Procissão da Chamusca, em 1742:*

«Sahio da Santa Caza da Mizericordia a cruz da penitencia da ordem 3.<sup>a</sup> acompanhada de alanternas, e em corpo de comunidade a seguia todo o povo em passos graves, e bem compassada; hindo de tantos em tantos luzes que os distinguia; se bem que pello sereno da noite erão superfluas as da terra, porque todo o ceo pôs luzes com que brilhava com as suas estrellas, ou luminarias com que luzia com os esplendores da sua lua. No meyo destas alas hião muitas pessoas com exemplares penitencias, levando às costas cruces, outros com as mãos prezas. Seguiose o clero de sobrepelizes, levando cada hum sua alenterna, immediatos ao Santo Christo de vulto grande, que o levava hum sacerdote descalço, com huns grilhoens aos pés; ao pé da imagem hião ajudadas 4 vozes. No meyo destas alas hião os dous missionarios, hum no principio da procissão, outro quazi no fim com os braços abertos, levando em huma mão o seu santo christo, em outra huma caveyra. Com este concerto sahio a campo este esquadrão de Deos para fazer guerra ao Diabo; chegando a primeira rua, dizia hum dos missionarios em altas vozes, que se ouvião pelo silencio da noite mais de meya legoa: *Pecador que estás em pecado, lembra-te que podés esta noite ser no inferno sepultado.*

Acabado este pregão principiava a muzica: *Senhor Deus mizericordia.* Daqui a hum breve espaço tocavase huma campainha com que todo o povo feria os ares rezando a Deus e pedindo mizericordia. Assim caminhava a procissão para o lugar destinado em que hum dos missionarios havia de fazer a sua pratica; alargavão se as primeiras alas do povo, para darem lugar meyo a chegar a ordem 3.<sup>a</sup>; depois que o Pregador avistava o santo christo paravão todos; e principiava a dita pratica, a qual concluida, cantava a muzica e entoava o povo todo. Seis praticas se fizerão em que ouuerão muitas lagrimas, e muita compunção em todo o povo. Destas [procissões] fizemos muitas, especialmente nas terras capazes...».

Em 1741 a missão de Setúbal fora memorável:

«Sahio a ordem 3.<sup>a</sup> que fazia o corpo das penitencias. Sahio do Socorro, onde está sita; à saída se lhe fez um grande sermão de penitência e pello discurso da procissão lhe fizerão mais cinco practicas nos largos das ruas. Irião nela até 20 penitentes de açoute com cruces, trancas, alavancas, grillhões, coroas de espinhos, cordas ao pescoço, pés descalços, braços em cruz, santos cristos nas mãos, caveiras e ossos, etc.; eram tantas que ninguem os pode contar porque hião repartidos pelas distancias da procissão, que era muito comprida e todos iam no meio com summa modestia e edificação; hia o mesmo P.<sup>o</sup> Commissario dos 3.<sup>os</sup> com os pés descalços e os braços em cruz toda a procissão e 12 Religiosos Missionarios nossos iam tambem na procissão, feitos penitentes, todos com coroa de espinhos e cordas ao pescoço e hum lançou a barra mais adiante porque foy quazi sempre com os braços em cruz e o santo Christo das missões em huma das mãos. Saiu pelas 6 horas da noite e recolheu-se cerca das 11; iam-se cantando com harmoniosas e compungidas vozes: *Senhor, Deus mizericordia e*, de quando em quando no fim de cada pratica a musica cantava *tibi soli pecavi* somente, mas com tal ternura de vozes que a todos compungia. Fez muito fruto e mais faria se tivessem os corações brandos e não viveram tão cheios de luxo e tão dados aos divertimentos...»<sup>2</sup>.

*Missões populares e festa barroca*: um aspecto da sensibilidade colectiva.

---

<sup>2</sup> Cf. A.N.T.T., Ms. n.º 852.